

**DIÁLOGO DOS ESPELHOS: A PERDA DO REFLEXO EM GUIMARÃES
ROSA, MACHADO DE ASSIS E E.T.A. HOFFMANN**

Alan Ferreira COSTA¹ (UFPA)

Orientador: Antônio Máximo FERRAZ² (UFPA)

Resumo: O que procuramos quando estamos diante do espelho? O faríamos diante de um espelho sem a imagem que esperaríamos encontrar? Na literatura isso é bastante recorrente. Este trabalho se ocupa com três exemplos nos quais não apenas a questão do espelho é discutida, mas a questão da perda do reflexo como questionamento do Ser. Nas obras homônimas “O Espelho”, de Machado de Assis e Guimarães Rosa, além de “O Reflexo Perdido” (*Das Verlorene Spiegelbild*) (1815), de E.T.A. Hoffmann, observamos a dinâmica dos espelhos enquanto questão. Na verdade, o percurso dos personagens aparecem no reflexo perdido de cada um: na ausência de suas imagens passam a questionar sua existência. É aí que então, cada um deles encara o seu desdobramento de uma maneira diferente, mas todos através do diálogo. Diante do espelho o homem se vê um monstro ou uma imagem desfigurada, ou não se vê. Assim se abre a questão do que é mundo, sentido e verdade, e o que é o homem diante de tudo isso.

Palavras-chave: Diálogo; Mundo; Espelho; Verdade; Ser.

Quando falamos de espelho, o que se tem primeiramente por definição é que se trata de um objeto de superfície polida que reflete a luz, mas observamos muitas outras atribuições feitas a tal objeto. De qualquer forma, tem-se sempre a ideia de algo que reflete, que reproduz. Mas a palavra latina *speculum*, que viria a se tornar espelho na nossa língua, tem também o sentido de especular ou procurar. É nesse sentido que examinaremos o caminho, a procura de cada personagem quando diante do espelho.

O que se vê diante do espelho é um desdobramento, e é nesse desdobramento de si, que observamos a abertura da questão do ser. Quando da perda do reflexo diante do espelho, o homem questiona (*vorfragen*) a sua existência (*dasein*). A perda da imagem representa uma perda de si mesmo, e é aí que o homem se põe diante da oportunidade do percurso na procura por quem se é.

¹ Alan COSTA. Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: alancosta@ufpa.br

² Antônio Máximo FERRAZ. Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: maximoferraz@gmail.com

Diante do espelho, vemos o que somos e também o que não somos. Nos contos interpretados veremos que mais que uma mera representação de conceitos, há uma busca pelo ser, pelo que já se é, e o ser não cabe em conceituações.

Em muitas narrativas literárias o espelho aparece como uma questão existencial, no entanto em poucas a perda do reflexo é mostrada como a oportunidade de percorrer a questão do ser. Nas obras citadas neste trabalho, a perda do reflexo é recebida de formas diferentes por cada um dos personagens. Dessa forma o percurso também será diferente.

Em “O Reflexo Perdido”, de E.T.A. Hoffmann, por exemplo, a personagem Erasmo Spikherr, após uma cena de ciúmes por sua amante, Giuletta, acaba agredindo um italiano e é obrigado a fugir. Tendo em vista que teria de ir embora da cidade, Giuletta pede que Erasmo deixe uma lembrança. Tal lembrança seria a sua imagem no espelho, seu reflexo. Erasmo, embora espantado com o pedido, concorda, e depois de Giuletta desaparecer misteriosamente, ele se olha no espelho do quarto e nada vê. A narrativa prossegue contando como Erasmo era discriminado por todos os lugares, sendo tido como um anormal, em vista de não possuir um reflexo. Assim, percebemos que a perda de seu reflexo significou uma perda de algo maior, o que o levou a ser discriminado até por sua própria família.

No caso de “O Espelho” de Machado de Assis, a personagem Jacobina narra o que aconteceu com ele próprio quando, na juventude, foi nomeado alferes da Guarda Nacional. Sua tia, D. Marcolina, o convida a passar um mês em seu sítio e faz questão de pedir que leve o uniforme. Um dia, a tia precisa se ausentar e deixa Jacobina em casa, na companhia de escravos, que mostravam respeito redobrado, dirigindo-se a ele como nhô alferes. No dia seguinte os escravos fugiram, deixando-o realmente só no sítio. Em meio a angústia da solidão notou que não havia, nesse período, se olhado uma vez sequer no espelho. Quando, ao fim de oito dias, resolveu fazê-lo, não viu sua imagem como esperava, era uma imagem difusa e perturbadora. Após vestir seu uniforme de alferes, viu novamente seu reflexo, como todos o viam: não mais Jacobina, mas o alferes: “O alferes eliminou o homem.” (ASSIS, 1994, p.3). E assim passou a fazer todos os dias: a uma certa hora, vestia o uniforme e posava diante do espelho, depois se despia novamente. Dessa forma passou assim mais seis dias de solidão. Aqui

percebemos a perda do reflexo na solidão, quando ninguém mais o podia ver, Jacobina procurou no espelho uma forma de se achar dois e um ao mesmo tempo.

Em “O Espelho”, de Guimarães Rosa, um homem conta quando se olhou no espelho de um banheiro público e se viu um monstro, uma criatura asquerosa. O que era tal monstro? Era ele mesmo, conforme, ele próprio afirmou. Mas como podemos dizer que esta personagem do conto de Rosa perdeu seu reflexo se, embora de forma monstruosa, ele se reconheceu? Não seria essa a função do espelho, reconhecer-se? Sim, podemos dizer inclusive, que todos esses personagens viram no espelho o que eles eram, mas também viram o que não eram. A pergunta feita no início deste capítulo ainda é agora resgatada: o que procuramos quando nos olhamos no espelho? Ou o que estes personagens de Hoffmann, Guimarães Rosa e Machado de Assis procuravam, e o que eles viram?

A vida que levavam até então seguia numa certa normalidade, antes do acontecimento no qual perderam seus reflexos. Erasmo era um fiel pai de família, que depois de receber uma pequena herança, realizou um de seus sonhos: viajar à Itália. Jacobina, antes chamado de Joãozinho, era um rapaz pobre e comum. E no conto de Rosa o homem afirma somente que era jovem e vaidoso. O que entendemos até aí é que todos eles seguiam suas vidas sem questionamentos. Nenhum deles se ocupava em perguntar o que eles eram. A questão do Ser havia neles, mas eles não a viam.

O Ser é determinado em geral por aquilo que o homem é em determinado momento e lugar. Isso nos traz a ideia de circunstância. Ortega y Gasset disse “eu sou eu e minha circunstância”. O que a circunstância traz à tona, não vemos, por nos guiarmos por conceitos relacionados aos fatos históricos, ou seja, as circunstâncias históricas de todas as comunidades humanas. Porém, notamos que as circunstâncias mudam a todo momento, já que por detrás delas há a con-juntura, aquilo que reúne, que “traz, portanto, em seu âmbito sempre o sentido de reunião de uma comunidade cultural e histórica na sua permanente mudança e constituição.” (CASTRO, 2011, p.27).

A busca pelo Ser é impedida pela busca do circunstancial. O homem teoriza a construção do real tentando impor a esta a razão causal. Esse caminho de pensamento entra em crise quando, por exemplo, se questiona a obra de arte. Qual é a razão da obra

de arte? Ora a arte não tem uma causa, o sentido da obra de arte advém do Ser e não de um fundamento causal. Conforme vimos anteriormente, “a rosa é sem porquê”. As personagens dos contos, quando narram os acontecimentos, não tentam impor conceituações ao que lhes aconteceu, antes mostram que eles próprios são questões. Jacobina se propõe a contar sua experiência, desde que não seja interrompido. Era esperado ali que houvesse perguntas sobre o porquê das coisas, mas ele apenas narra, e quando os ouvintes deram-se por conta, Jacobina já ia embora descendo as escadas.

O Ser não cabe em uma explicação racionalista que vê em tudo uma causa. O que se utiliza como causa não o que o termo *res*, do latim, originalmente queria dizer. *Res* quer dizer causa, mas no sentido daquilo que está em causa, que está sob discussão, sob questionamento.

Pois bem, e como diríamos sobre aquilo que o homem é em determinado contexto histórico, social, etc.? Máscaras. O eu e suas circunstâncias seriam aquilo que somos, delimitado pelo alcance historiográfico e científico. Notemos o que faz o personagem do conto de Rosa. Depois de iniciar a busca ele se diz o caçador de seu próprio aspecto formal e para isso se dedicaria de forma imparcial nessa busca. O que ele notou foi justamente a mudança que ocorria no mesmo. Era ele próprio, mas conforme insistia na procura, havia mudanças, “sobreabriam-se enigmas”:

“Mirava-me, também, em marcados momentos - de ira, medo, orgulho abatido ou dilatado, extrema alegria ou tristeza. Sobreabriam-se-me enigmas. Se, por exemplo, em estado de ódio, o senhor enfrenta objetivamente a sua imagem, o ódio reflui e recrudescer, em tremendas multiplicações: e o senhor vê, então, que, de fato, só se odeia é a si mesmo. Olhos contra os olhos. Soube-o: os olhos da gente não têm fim. Só eles paravam imutáveis, no centro do segredo. Se é que de mim não zombassem, para lá de uma máscara. Porque, o resto, o rosto, mudava permanentemente. O senhor, como os demais, não vê que seu rosto é apenas um movimento deceptivo, constante. Não vê, porque mal advertido, avezado; diria eu: ainda adormecido, sem desenvolver sequer as mais necessárias novas percepções. Não vê, como também não se vêem, no comum, os movimentos translativo e rotatório deste planeta Terra, sobre que os seus e os meus pés assentam. Se quiser, não me desculpe; mas o senhor me compreende.

Sendo assim, necessitava eu de transverberar o embuço, a travisagem daquela máscara, a fito de devassar o núcleo dessa nebulosa - a minha vera forma. Tinha de haver um jeito. Meditei-o. Assistiram-me seguras inspirações.” (ROSA, 2001, p. 123)

A ‘vera forma’ não era aquilo que meramente aparecia no espelho no cotidiano. Era aquilo que ele não via. E a busca pelo ser não se encerraria aí, prosseguiria enquanto ele tirasse de si as máscaras, ele viu como necessário, imprescindível na busca pelo ser.

O alferes, quando relatou sua experiencição, estava no meio de uma discussão sobre a natureza da alma humana. Foi quando afirmou que o homem possui duas almas, a exterior e a interior. Ao falar sobre a alma exterior, mostrou que esta se trata daquilo que falamos acima, o homem e suas circunstâncias:

“Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. [...] Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos.” (ASSIS, 1994, p.2)

O que vimos a respeito da mudança das circunstâncias é claramente demonstrado por Machado, ao falar sobre a mudança da alma exterior, sempre ligada àquilo que define o estado do homem numa conjuntura.

Erasmus afirma, já na Itália, que não deveria ceder aos encantos de outras mulheres:

“- Quanto a ti, meu pobre Erasmo – disse a Spickherr – entristece-nos profundamente com essa fisionomia fúnebre. Bebe e cantas como um coveiro e portas-te de modo lamentável para com nossas damas.
- Juro-te, meu caro – respondeu Erasmo – que é meu dever permanecer indiferente ao encanto dessas damas. Deixei na pátria minha digna esposa e, quando se é, como eu, pai de família...” (HOFFMANN, 1993, p.5)

Podemos dizer que aquilo que Erasmo perdeu ao dar seu reflexo era o seu próprio, a sua existência. Em certo momento da narrativa, o general Suwarow (o homem que deixou a carta com a história de Erasmo) diz que não pode *existir* alguém sem um reflexo.

Percebemos nas três obras o elemento especular como ponto em comum, mas em cada uma delas o lidar com a questão da perda do reflexo se dá de maneiras diversas, isso é o que liga os três contos. Foi na solidão de cada um que a crise se instaurou e a questão se manifestou para os personagens durante a crise de quem eles eram. E o que fizeram diante a questão manifestada? Através do diálogo partiram para a procura, por caminhos diferentes, do mesmo, dos seus reflexos.

Como é possível alguém dialogar com o espelho? O diálogo é a movimentação dentro (*diá*) do *lógos*, da questão. Mas o que é *lógos*?

“A palavra diá-logo compõem-se do prefixo grego dia que significa dois, através de, entre. O radical da palavra diálogo, -logo, vem da misteriosa palavra grega: Logos. Formado do verbo *legein*, este se move num duplo sentido ao mesmo tempo complementar e tensional: reunir e dizer.” (CASTRO, 2006, p. 27.)

Lógos é frequentemente interpretado, dentre outras maneiras, por língua ou linguagem como instrumento de comunicação, não erroneamente, mas limitadamente. O *lógos* vem do verbo *legein*, que é traduzido por dizer, ler, propor, dispor. Assim, *lógos* seria aquilo que está posto, proposto, dito, aquilo que vige em sua vigência. Heidegger fala do *lógos* como uno, quando interpreta o Fragmento B50, de Heráclito. Tal fragmento diz o seguinte:

οὐκ ἐμοῦ, ἀλλὰ τοῦ λόγου ἀκούσαντας

ὁμολογεῖν σοφὸν ἐστὶν ἐν πάντα εἶναι.

Heidegger cita a tradução de Snell como sendo uma das mais aceitas, que diz:

“Se não me haveis escutado a mim, mas o sentido,

É sábio dizer no mesmo sentido: um é tudo.” (2012, p.183)

Aqui observamos que Heráclito pensa numa fala e numa escuta como sendo um.

“Ἄγειν é *legen*, de-por e pro-por. E este diz que, recolhido em si, o real é o disponível vigente em conjunto.” (HEIDEGGER, 2012, p. 187). Assim, *lógos* nos traz o que diz e reúne, em tudo que se diz e assim, reúne. Então como reunião em torno do que se diz, o diálogo não é meramente comunicação, o diálogo é a vigência do *lógos*. E através do entre da vigência, do que está reunido e posto num conjunto, chega-se ao ser como questão. Aqui observamos que o *lógos* é a vigência, o ser, que permanece

encoberto no esquecimento. É necessário, portanto que haja o diálogo para o descobrir do ser. E isso se dá de duas formas, o hétero-diálogo e o auto-diálogo.

No hétero-diálogo, o homem dialoga com o outro. Quando eu falo, um “eu” escuta, e quando esse “eu” responde, o que era antes um “eu” agora é o outro, um “tu”. É nesse vigor que está presente o *lógos*, como o único, a identidade na diferença. Todos os contos que interpretamos neste trabalho dialogam com o outro, um interlocutor, que é também o leitor, nós. Todos os personagens narraram o acontecimento à um interlocutor. Essa fala é o dizer, que é o *legein*, o verbo de logos, e que pressupõe uma escuta, ou seja, a conjuntura do diálogo.

O auto-diálogo, é aquilo que somos que se manifesta no diálogo e na existência. Continua sendo um diálogo com o outro, mas tendo em vista que esse outro é também a si mesmo. É a diferença interna entre o “eu” e o “tu”: a fala e a escuta dentro do mesmo.

Quando os personagens perdem seus reflexos no espelho, travam na solidão um diálogo com o outro de si mesmo. Ali, o homem do conto de Rosa reconheceu-se, e passou a eliminar de si o olhar do outro. O Alferes contentou-se em, ao fazer o autodiálogo, não seguir em frente e fincar-se no impróprio, ou seja, preferiu permanecer na aparência, e não buscar o que estava por trás do ente Alferes. Erasmo, ao descobrir o que o reflexo perdido expressava, passou a ir em busca do próprio.

O homem no conto de Rosa descreve para o seu interlocutor como foi a experiência da perda do reflexo. O Alferes conta, depois de muitos anos, como, num diálogo consigo, encontrou sua alma exterior. Erasmo, diante de tudo que aconteceu após a perda do reflexo partiu sozinho disposto a encontrar novamente sua imagem. Mas em todos eles também ocorre o hetero-diálogo quando, em frente ao espelho eles dialogam com a visão do outro. Lembremo-nos que o alferes, quando vestiu o uniforme, tinha sobre si o olhar dos outros, manifestada pela farda, pelo posto.

Todos temos o autodiálogo, que introduz o heterodiálogo. Em todas elas (as narrativas), os personagens narram tais acontecimentos muitos anos depois de ocorridos. A perda do reflexo os levou a dialogar, primeiro consigo mesmos. Todos eram jovens e tinham suas vaidades, e ao se depararem com a questão do que eles eram realmente, tomaram caminhos diferentes nos questionamentos.

Note-se que quando os personagens perdem seus reflexos, perdem aquilo que têm por real, aquilo que se dá como realização de mundo, sentido e verdade. São questões, e como tais, se manifestam enquanto se retraem tornando assim necessária a busca, o percurso. Diante do espelho o homem se vê um monstro ou uma imagem desfigurada, ou não se vê. Essa quebra de seu mundo, que é aquilo que ele tem por verdade, de repente se esvai, e assim se abre a questão do que é mundo, sentido e verdade, e o que é o homem diante de tudo isso.

O sentir é apropriar-se de algo, e essa apropriação só pode dar-se num mundo, ou seja, não existe sentido sem mundo. Assim, dessa forma, se falamos deste último não podendo ser sem sentido, a trajetória de nossa investigação se dá em mundo e verdade.

O mundo pode ser referido como questão e como conceito. Neste último está sempre ligado à adjetivações: mundo cultural, mundo social, mundo medieval, etc. Quando falamos no mundo como questão, percebemos o mundo como sentido. O real se dando como sentido é um mundo. Surge das muitas teorias do real, mas o que é o real? Mundo e sentido estão intrinsecamente ligados, de forma que não existe mundo sem sentido, nem sentido sem mundo. A existência (cuja palavra examinaremos mais adiante) só pode se dar no/num mundo. Essa existência do homem é o que Heidegger chama de *in der Welt sein* (estar/ser no mundo), ou seja, o mundo é a abertura para o Ser, para o que constitui o homem como homem.

Mundo é uma manifestação do real. O real se manifesta de muitas maneiras, e dá-se o nome de mundo a cada manifestação desse real, o que sempre nos leva de volta a questão do que é o real. O mundo como questão se retrai ao se manifestar. O mundo dos personagens dos contos se perde na medida em que os reflexos desaparecem diante do espelho, ao mesmo tempo que se manifesta como questão. O que era o mundo de Joãozinho, do homem que se viu como um monstro, ou de Erasmo? O mundo como conceito existia, já pressuposto por eles “o mundo real”, o “mundo concreto”. Ao perderem seus reflexos o mundo concebido por eles se retrai e se manifesta, de forma que é preciso seguir em frente com o questionamento. O mundo de Erasmo, onde ele experienciava sua vida, era o casamento. Ao entregar seu reflexo para a amante, entrega seu mundo e perde o sentido que o real outrora atribuía. Joãozinho tinha um mundo constituído pela vida que tinha antes da nomeação. Após a nomeação, a farda de alferes

passou a ser o seu mundo, que se perdeu quando ninguém mais podia vê-lo. Na solidão, onde não tinha o olhar do outro, seu mundo desvaneceu, e diante disso, recorreu ao uniforme para que ele mesmo tivesse sobre si o olhar do outro. O homem do conto de Rosa se viu como um monstro e reconheceu-se no espelho, mas notou que aquilo não era o (seu?) mundo. No percorrer do questionamento do que era ou não era o (seu?) mundo, o seu reflexo se diferenciava. O mundo como questão se retraía a cada investida, a cada investigação. Em todos os exemplos, o mundo era uma atribuição de sentido do real. A questão do real sempre permanece, e permanecerá no percurso das questões.

O real se dando como a realização de mundo e verdade de Erasmo Spikherr antes da crise, era a família, o status de homem casado e responsável, que não se deixava tentar pela beleza de outras mulheres, e tudo isso se foi com o aparecimento de Giulietta. A busca pelo seu mundo, sentido e verdade, se deu na sua partida em busca de seu reflexo entregue a outra mulher, que não era sua esposa.

O mundo e verdade instituídos de Jacobina era o Joãozinho, como ele era chamado antes de alcançar o posto de alferes, era sua vida de anterior, “o sol, o ar, os campos, os olhos das moças”. Isso se perdeu com a nomeação, e como ele não existia mais como Joãozinho, o agora alferes buscou na farda um mundo e verdade através da uniformização.

O homem no conto de Rosa perdeu seu mundo e verdade ao se ver como um monstro, uma figura repulsiva, e seguiu em frente com a determinação de buscar a si mesmo, de buscar seu mundo, sentido e verdade. Mas como se pode perder a verdade? A verdade não é o contrário da mentira? O fato de perder a verdade quer dizer que os personagens vivem na mentira? Examinemos o que é verdade.

A verdade não deve ser entendida aqui por mera contraposição ao falso. Verdade, em grego, diz-se *alétheia* (ἀλήθεια). Este termo é composto do alfa privativo (α-), que pode ser traduzido como “des-“, e *léthe* (λήθη), que era um dos afluentes do Hades, e também o nome da deusa do velamento e do esquecimento. Dessa forma, temos em *alétheia* o sentido de des-velar, des-encobrir. Ora só se pode desvelar o que está velado, assim, o desvelar precisa do velar. Dessa forma, ontologicamente, a

verdade é o velamento do que se desvela. A verdade é o velamento. É a realidade se desvelando.

O que percebemos na busca empreendida pelo homem em frente ao espelho? A cada investida diante do espelho, ele se via de uma maneira. E não podemos dizer que aquilo era o falso, a mentira, mas a realidade se manifestando de diferentes formas. A verdade é intrinsecamente ligada à questão do real. A verdade, que os personagens perderam era a manifestação da realidade corrente. A verdade do ser não é algo que se possa fechar num conceito, mas algo que constantemente se desvela através do velamento.

Percebemos até aqui que as questões são sempre as mesmas para todos, mas a tarefa de buscar a verdade é própria de cada um. Em todas as narrativas, com a perda do reflexo, as questões se mostraram, e nem todos seguiram o mesmo caminho diante delas. Um elemento diante da questão é o salto.

Martin Heidegger, em sua obra *Introdução à Metafísica* (1953), fala de um salto para além (*Absprung*) de toda a proteção, verdadeira ou imaginada, da existência. O salto (*Sprung*), em Heidegger é o que se exige do pensamento que se propõe a verdade do ser. Diante do fundamento (*Abgrund*) que o questionar gera, é necessário saltar no abismo que é a procura pelo ser. É a existência, que vem de *ex-sistere*, pôr-se para fora do que se está posto. O prefixo *ex* indica a possibilidade da abertura onde o homem habita, e o projeta para fora de onde já se encontra. Assim, “pelo fato de poder ter posição e, ao mesmo tempo, estar fora dela, ou seja, ser livre, chamou-se tal sendo de ex-istente” (*idem, ibidem*).

O personagem do conto de Rosa pergunta no final da narrativa se “você chegou a existir?”. A existência (em alemão *Dasein*) diz-se o ser do entre, o entre-ser. Estar entre é fazer a travessia na busca por quem se é. Foi o que Erasmo fez ao partir, e o que personagem em Rosa fez. Segundo este, era necessário, diante do que ele viu no espelho, dar o *salto mortale*, o salto mortal. Jacobina, quando chegou à beira do abismo que era a questão de quem ele era, recuou.

O que falamos aqui é sobre o salto sobre a questão que já se é. O homem não descobre, ou abre a questão, ele mesmo já é e já a percorre. No caso do Alferes, ele não deixou de ser uma questão quando recorreu à farda para se ver. Podemos dizer que ele

sabia disso ao contar o ocorrido, anos mais tarde. Dessa forma, a investigação da questão só se concretiza no salto e como salto, haja vista que já nos encontramos na questão e devemos se por de fora de onde já estamos, no sentido de que devemos seguir adiante no questionamento do que nós mesmos somos enquanto humanos.

O salto, portanto, é o existir. Existir é dialogar. O ser humano é diálogo, e existe sem que isso seja da sua vontade. O homem faz a travessia na procura por quem se é até chegar ao nada. Esse nada é o que tem vigência em todo humano, no qual há todas as possibilidades, chamando-se assim de nada criativo.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *O Espelho*. In: Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1994. v.II. Disponível em: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>. Acessado em: 12/08/2012.

_____. Manuel Antônio de. *Arte: o humano e o destino*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.

CASTRO, Manuel Antonio de. “Interdisciplinaridade poética: o “entre””, in: Revista Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, no. 164, jan-mar/2006, p. 7-36.

HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Trad. Emmanuell Carneiro Leão; Gilvan Fogel; Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012 (Coleção Pensamento Humano).

_____. *Introdução a Metafísica*. Trad. Mário Matos; Bernhard Sylla. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

HOFFMANN, E.T.A. *Die Geschichte vom verlorenen Spiegelbilde*. Disponível em : <<http://gutenberg.spiegel.de/buch/3086/1>>

_____. *Fantasiestücke – Text und Kommentar*. Frankfurt am Main: Deutscher Klassik Verlag, 1993.

ROSA, João Guimarães. *O Espelho*. In: Primeiras Estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.